

A IMPORTÂNCIA DA ARQUEOLOGIA NOS ESTUDOS HISTÓRICOS: UMA ANÁLISE DAS CERÂMICAS IBÉRICAS NA ANTIGUIDADE

Cláudio Umpierre Carlan¹
Crosley Rodrigues Gomes²

FAPEMIG / UNIFAL-MG

RESUMO: o presente artigo tem por objetivo analisar o processo construção de identidade, através do estudo da cerâmica, de origem grega, encontrada na Península Ibérica. Para isso, trabalharemos com a documentação arqueológica, dentro da ótica Cultura Material, e textual, identificando o processo de colonização do mediterrâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Grécia. Cultura. Arqueologia. Cerâmica.

THE IMPORTANT OF ARCHEOLOGY IN HISTORICAL STUDIES: ANALYSIS OF IBERIAN CERAMICS IN ANTIQUITY

ABSTRACT: This article aims to analyze the process of identity construction through the study of ceramics of Greek origin found in the Iberian Peninsula. For this, we will work with archaeological documentation, within the material culture and textual perspective, identifying the process of colonization of the Mediterranean.

KEYWORDS: Greece. Culture. Archeology. Ceramics.

¹ Professor Associado II de História Antiga, Programa de Pós Graduação em História Ibérica, Universidade Federal de Alfenas (PPGHI / UNIFAL-MG)

² Mestre em História, Programa de Pós Graduação em História Ibérica da Universidade Federal de Alfenas (PPGHI/UNIFAL-MG).

INTRODUÇÃO:

O mundo Antigo tem recebido cada vez mais atenção por parte dos estudiosos. Há grande discussão sobre a baliza desse período, mas o uso desse termo enfatiza continuidades, relacionadas ou não, ao mediterrâneo.

Durante muito tempo, historiadores, arqueólogos e demais pesquisadores se preocupavam, em apresentar e contar a História da humanidade através de um “fato histórico”. Algo único, importante, que marcou uma época. Nas palavras de Adam Shaff, é dito que no conjunto infinito dos acontecimentos históricos, os *atos históricos* são constituídos quando ganham importância dentro de um sistema de referências como outros acontecimentos, relações, processos e produtos, no contexto dos quais estes fatos se manifestam e são inteligíveis. Ainda, segundo o autor, a História acabaria sendo contada por pessoas que detinham do poder, podendo até ser chamada de a *história dos vencedores*.

Nos últimos anos podemos perceber que é cada vez mais frequente o uso por parte dos historiadores o uso dos métodos e descobertas da Arqueologia para justificar seus trabalhos e dar créditos.

Talvez uma das razões seja o fortalecimento nos últimos anos dos estudos sobre a História Cultural e a contribuição dos trabalhos de historiadores como Peter Burke, Pedro Paulo Funari, Margarida Maria de Carvalho, André L. Chevitaresse, entre outros. Que tem ajudado no fortalecimento da História Cultural.

E a Arqueologia tem sido uma ferramenta importante que contribui para uma análise histórica mais profunda, principalmente no que diz respeito aos trabalhos na área da Antiguidade.

O estudo sobre cerâmica antiga, a numismática (estudo sobre moedas), tem sido de grande utilidade para os historiadores poderem explorar

um conhecimento que vai além dos documentos escritos. As descobertas arqueológicas trazem um leque de oportunidades a ser exploradas pelos historiadores em sua busca para entender o complicado período que foi a Antiguidade.

Na Universidade de Alfenas (UNIFAL-MG) temos o desenvolvimento de um trabalho que contribui tanto no campo acadêmico, quanto na extensão, ou seja, levar as pesquisas desenvolvidas dentro da universidade levando-as para as fora de seus muros. O projeto desenvolvido pelo Laboratório da Arqueologia Ibero Americano (LAIA) em parceria com o Laboratório de Arqueologia Pública Paulo Duarte (LAP) da Universidade de Campinas. Tem como principal objetivo levar o trabalho do arqueólogo para as escolas, mostrando aos alunos do ensino básico como é o funcionamento de escavação arqueológica.

O projeto apresenta uma palestra aos alunos ensinando o passo a passo de uma escavação arqueológica, como o arqueólogo trabalha. A divisão em das quadrículas, o trabalho em equipe, a retirada e a limpeza dos objetos e por fim a análise dos objetos.

O segundo processo do projeto leva os alunos para um exercício prático. Os alunos participam de uma escavação montada pelos participantes do LAIA que consiste na procura de objetos referentes a um período histórico diferente. Ao final da escavação os estudantes fazem uma análise dos objetos encontrados tentando identificar o período histórico a qual eles pertencem.

Trabalhos como este tem ajudado a difundir a Arqueologia e a quebrar alguns mitos criados pela indústria cinematográfica hollywoodiana, e ensinando aos alunos o trabalho real do arqueólogo e como este profissional através de métodos e análises consegue analisar objetos e projetos arquitetônicos que nos auxiliam a entender o funcionamento das sociedades em seu respectivo período histórico.

UM PEQUENO ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA CERÂMICA NA ANTIGUIDADE

Quando falamos sobre cerâmica principalmente na Antiguidade podemos dizer que sua importância ia muito além de um simples ornamento decorativo. Os vasos, as ânforas, as taças, entre outras. Eram importantes para o funcionamento destas sociedades, pois, estes objetos feitos de argila estavam em uso em muitas das atividades cotidianas de cada indivíduo.

O uso de hidras era de suma importância, pois, levava a água potável para uso diário da família. As crateras eram usadas principalmente nas festas para servir vinho, além das ânforas que transportavam várias mercadorias e eram muito usadas no comércio do mundo antigo.

A cerâmica é tão antiga quanto a própria História, muitos artefatos cerâmicos já foram encontrados em escavações que datam do Neolítico e mesmo da Idade do Bronze. Na Mesopotâmia e mesmo no Antigo Egito a cerâmica já era utilizada nos afazeres cotidianos, mas foi na Grécia Antiga que a cerâmica ganhou um toque mais artístico.

Entre os gregos os vasos passaram a ganhar pinturas mais elaboradas, que tentavam retratar o cotidiano das sociedades e ainda faziam citações de cunho religioso e também aos jogos olímpicos.

Podemos classificar a cerâmica grega de duas formas uma delas chamamos de pinturas de figuras negras

... há uma preocupação, nessa técnica, de desenhar a silhueta de duas maneiras: pela plenitude dos detalhes encravados na cerâmica com a ajuda de uma ponta afiada e ainda, pela utilização da tinta negra, e da tinta branca, esta última recorrente na representação da pele feminina, que se destacam sobre o fundo laranja do vaso. (JUNQUEIRA, 2011, p. 47).

Também encontramos as pinturas de figuras vermelhas como nos explica Nathalia Monseff Junqueira:

... as figuras eram desenhadas em contornos, e, ao invés de serem pintadas, eram deixadas na cor da cerâmica, mantendo as linhas detalhadas do interior da anatomia das vestimentas, e o fundo era pintado em negro. (JUNQUEIRA, 2011, p. 47).

Neste sentido os gregos não apenas se utilizavam da cerâmica para trabalhos cotidianos como também a cerâmica era um meio de passar ensinamentos para as pessoas. Levando em consideração que boa parte dos indivíduos da antiguidade era analfabeta. Com a falta da cultura letrada as informações chegavam a maioria da população na forma de imagens. (FUNARI, 1998). E as pinturas nos vasos ajudavam a transmitir vários conhecimentos a estes indivíduos, seja no campo religioso, como também históricos. Muitas batalhas como a guerra de Tróia e mesmo as guerra Médias também eram produzidas em pinturas nos vasos.

A CERÂMICA NA PENÍNSULA IBÉRICA

Acredita-se que os gregos conquistaram uma parte da Península Ibérica por volta do século VI a.C. , mas os estudos arqueológicos colocam a presença de cerâmica helena muito antes deste período. Segundo o autor José Maria Blázquez Martínez a cerâmica gregas mais antigas encontrada na Península Ibérica datam dos séculos VIII e VII A.C. precisamente dos anos de 700-675 A.C. São de origem protocorintia e tinham um estilo subgeométrico. Achados em uma cidade de origem fenícia chamada de Amuñécar (na atual Granada). Mais tarde outros fragmentos desta mesma cerâmica foram encontrados na região de Málaga. (BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, 1974, p. 66).

Neste período não podemos afirmar que existia um controle absoluto heleno da região, já que está era muito disputada, principalmente com os fenícios. Era uma disputa acirrada devido a grande quantidade de prata e outros minerais que eram muito desejado na época.

A cerâmica era um meio importante para se transportar vários produtos pelo Mar mediterrâneo, entre estes podemos destacar o Azeite.

Além da cerâmica ática ser encontrada com frequência na Ibéria este tipo não é o único ali encontrado os mais antigos datam do século IX e VIII A.C. e são de origem celta como nos mostra Almagro Basch

Desta cerâmica temos procedentes de achados de Ampúrias, sem localização ou estratigrafia segura, de uma série de urnas e outros vasos que são conservados no Museu Arqueológico de Barcelona e no de Gerona, e cuja datação está corroborada por nossos resultados e nos assegura sua atribuição à população “celta” ou “celto-ligúria” dos indiketes, povo ibérico derivado da miscigenação do elemento antigo da cultura megalítica pirineia e dos invasores indo-europeus que, com o nome genérico de celtas, chegaram à Espanha no século IX e VIII A.C. em uma onda final da cultura dos campos de urnas, com que os espécimes de Hallstatt B a D centro-europeus se relacionam às formas mais antigas dos vasos que destacamos da Espanha pertencentes a este povo. (ALMAGRO BASCH, 1945, p.6).³

³ Minha tradução (De esta cerâmica tenemos procedentes de hallazgos de Ampurias, sin localización ni estratigrafía segura, una serie de urnas y otros vasos que se conservan em el Museo Arqueológico de Barcelona y em el de Gerona, y cuya fecha está corroborada por nuestros hallazgos y nos asegura su atribución a la población “céltica” o “celto ligur” de los indiketes, gentes ibéricas derivadas de la mezcla del elemento antiguo de la cultura megalítica pirenaica y de los invasores indoeuropeus que, con el nombre genérico de celtas, llegan a España em el siglo IX y VIII a. de J.C., como una oleada final de la cultura de los campos de urnas, con cuyos especímenes del Hallstatt B a D centroeuropeus se relacionan las formas más antiguas de los vasos que hallamos em España pertenecientes a este Pueblo).

Os estudos da arqueóloga Marina Picazo na cidade de Ullastret nos mostraram uma grande quantidade de cerâmica ática, que segundo ela “pode corresponder aproximadamente cerca de 1700 vasos” (PICAZO, 1977, p.1).

Os primeiros vasos do estilo ático encontrados na península Ibérica possuíam a técnica de pintura negra. Os objetos eram em sua maioria *Kylex*, esta expressão era usada para se descrever vasos que possuíam asas e se usavam para beber vinho misturado com água.

Os *Kylex* eram utilizados nas muitas festividades dos gregos, sua decoração quase sempre apresentava homens pulando e dançando, além é claro de estarem bebendo vinho. Picazo também nos chama a atenção para o fato de que muitos *Kylex* encontrados em Ibéria possuíam figuras relacionadas a personagens mitológicos.

É interessante observar que o herói Hércules era o mais representado, sua figura está presente em diversos destes vasos. Mas ele não era o único, podemos encontrar também outras figuras mitológicas.

No primeiro quarto de do século VI A.C. os *Kylex* mais comuns são os chamados de *Kylex do Grupo de Komastai* este vasos tinham como característica comum à imagem de pessoas se divertindo e bebendo, possuíam um corpo profundo e a boca saliente.

Na segunda metade do século VI A.C. podemos encontrar um tipo novo chamado de *Kylix de Siana*, este tipo de cerâmica possuía algumas características parecidas com o antes citado como corpo profundo, mas sua boca era mais larga e os pés mais altos.

Outros tipos de *Kylex* encontrados em várias localidades da Península Ibérica são: os *Kylex “pequeños maestros”* que possuíam imagens pequenas e *Kylex* de lábio neste a boca era menor que o corpo. (PICAZO, 1977).

No final do século VI A.C. um novo tipo de cerâmica passa ser produzido, se utilizando de figuras vermelhas. Mas é importante percebermos que o surgimento desta nova forma de fazer cerâmica não fez com que as do tipo de figuras negras sumissem. Segundo a autora Picazo podemos perceber estas técnicas de cerâmica coexistiram por um longo tempo. Também em Picazo podemos ver que muitos dos artistas que passaram a produzir figuras vermelhas, também produziam vasos com figuras pretas. (PICAZO, 1977).

Já a partir no século V A.C. podemos perceber que os artistas se esforçavam cada vez menos em produzir vasos de figuras pretas. E os exemplares que podemos encontrar são chamados por Picazo de arte degenerada. “Embora se produza ânforas e outros vasos grandes, predominam as formas pequenas no estilo de figuras negras tardias” (PICAZO, 1974, p. 20).⁴

Na península Ibérica vestígio de vasos de figuras vermelha datam do final do século IV. Tratava-se do pé de um *Kylex skyphos*. Este tipo de cerâmica já era encontrado com frequência em outras partes do Mediterrâneo, mas vestígio mais antigo encontrado na Península Ibérica data do quarto século A.C.

Uma função da cerâmica na Antiguidade era de transportar mercadorias para o comércio. Podemos perceber que na Península Ibérica o tráfego comercial era muito frequente.

Martínez em seu texto nos aponta três fases para se explicar a circulação de mercadorias na Península Ibérica. O primeiro momento se dava somente entre os povos nativos e os Etruscos, já no século VII podemos perceber que os gregos também passam a buscar manter uma relação comercial com

⁴ Minha Tradução (Aunque se produjeron ánforas y otros vasos grandes, predominan las formas pequeñas en este estilo de figuras negras tardias).

os povos indígenas. Com a colonização dos helenos por volta do ano de 575-570 A.C. diminuem as relações comerciais com os Etruscos, mas não acabam totalmente (BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, 1971).

Muitos fragmentos de peças Etruscas foram encontrados em sítios arqueológicos datando de muito depois desta data. Acredita-se que por volta do ano 550 A.C. As cerâmicas áticas e provenientes de outras regiões da Grécia seguramente foram trazidas pelos forenses.

Outros povos que já citamos a ter uma forte influencia da região ibérica eram os fenícios que possuíam uma qualidade notável de navegação. Chegaram a Ibéria e muitas vezes atravessam as Colunas de Hércules para fazer comércio com os povos que habitavam além das colunas como podemos ver nesta passagem de Heródoto

Dizem os Cartagineses existir, além das colunas de Hércules, um país habitado, onde costumam ir comerciar. Quando ali chegam, retiram as mercadorias dos navios e colocam-nas ao longo da praia, voltando, em seguida, para a bordo, onde, para atrair a atenção dos habitantes, fazem fumaça em grande quantidade. Os naturais do país, percebendo a fumaça, dirigem-se para a praia e ali depositam uma quantidade de ouro que consideram correspondente ao valor das mercadorias, afastando-se. Os cartagineses, desembarcam novamente, examinam a quantidade do precioso metal ali deixada, a julgam insuficiente, retornam aos navios, onde permanecem tranquilos, na expectativa. Os nativos voltam ao local e acrescentam mais alguma coisa, esperando com isso os Cartagineses se dêem por satisfeitos. As duas partes jamais procuram ludibriar uma à outra. (HERODOTO – Histórias livro IV, p.385).

Os romanos conquistam a Península Ibérica durante as Guerra Púnica (218-201 a.C.). Como uma manobra tática do general Cneu Cornélio Cipião

Calvo para atacar a cidade de Cartago. Após a conquista os latinos passam a chamar a região de Hispânia. A derrota dos cartagineses não significou um controle total sobre a Península, já que também foram necessárias muitas lutas contra povos como os celtas e mesmo um povo que vivia mais a oeste da região chamados de Lusitanos. Somente no período imperial com Augusto que a Hispânia é totalmente conquistada com a derrota dos povos cântaros e astures no norte peninsular é que passa a existir o domínio completo dos romanos na região.

Assim como os fenícios e os gregos os romanos também investem forte no comércio da região peninsular. E neste sentido podemos observar que a cerâmica passa ter uma importância para o funcionamento comercial romano.

Apesar da cerâmica romana não ser tão elaborada e bonita quanto a grega ela também não deixava de ser prática e útil para se transportar mercadorias tanto pelo Mar Mediterrâneo, quanto por terra através das inúmeras estradas construídas não só para uma maior facilidade de se locomover as tropas como também para facilitar o transporte de mercadorias por terra.

Neste sentido podemos dizer que a Hispânia era uma forte produtora de trigo e azeitonas. E o uso de ânforas se torna importante para o transporte desta mercadoria por todo o vasto território do império. Podemos encontrar vestígios destas ânforas em várias regiões que antes pertenceu ao Império Romano, mas o local onde podemos encontrar um forte acervo destas cerâmicas fica na cidade de Roma no Monte Testácio. Uma montanha formada unicamente de cacos de ânforas que transportavam vários produtos de diferentes regiões do Império.

O trigo e o azeite produzidos na Hispânia eram muito apreciados pelos romanos e no Monte Testácio podemos encontrar vestígios de muitas ânforas que provinham da Península Ibérica que traziam estes produtos para o centro do Império.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escavações arqueológicas tem auxiliado os historiadores a muito tempo a entenderem o funcionamento seja de uma cidade antiga seja uma rota comercial ou seja um produto cultivado em determinada região.

Os estudos da antiguidade na Península Ibérica deve muito as escavações feitas em cidades como Ampúrias que nos auxiliam a entender os processos da colonização dos gregos na região ibérica, ou mesmo escavações na cidade de Ammaia, que tem auxiliado a entender os costumes e as tradições romanas no que viria a ser hoje Portugal.

Os estudos da cultura material são uma grande fonte de conhecimento e informação para entendermos o funcionamento de uma sociedade. Principalmente onde encontramos uma pobreza de informações de a partir de documentos escritos.

AGRADECIMENTO:

A Carlos Fabião e a Universidade de Lisboa, pela oportunidade de trocarmos ideias; Pedro Paulo Funari, ao apoio institucional da Universidade Federal de Alfenas, FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas gerais).

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL:

ESTRABON. *Geografia de Ibéria*. Trad. Javier Gómez Espelosín. Madri: Alianza Editorial, 2007.

HERÓDOTO, *História*, Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/historiaherodoto.html>, Acesso em: Fevereiro de 2016.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMAGRO BASCH, Martín. Ampurias. Traducció n inédita de la versió n francesa publicada en Cahiers d'histoire et d'achéologie (Institut d'etudes occitanes. Nimes) 11, n. 9-10, 1948, pp. 38-45. versió n espanhola pp. 01-09.

ALMAGRO BASCH, Martín. Excavaciones de Ampurias: últimos hallazgos y resultados. In: *Archivo Español de Arqueologia* 18, n. 59, pp. 59-75, 1945.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José Maria. Gerión y otros mitos griegos de occidente. In: *Revista Gerión* n. 01, pp. 21-38, 1983.

BLÁZQUEZ MARTÍNEZ, José Maria. La colonización griega en el cuadro de la colonización griega en occidente. IN: *Simposio Internacional de Colonizaciones. Barcelona-Ampurias*, 1971, pp. 65-77, 1974.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume 1. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 1986.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume 2. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Volume 3. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. 1987.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural*. Trad. Leila Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2003.

BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Trad. Sergio Goes de Paula 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

- CARLAN, Claudio Umpierre, As Origens Históricas e a Configuração Sócio – Política da Grécia Arcaica. *História e-história*, 18/02/2010. Disponível em:<http://www.historyhistoria.com.br/materia.cfm?tb=profesores&id=99>. Acesso em: Março de 2013.
- FUNARI, Pedro Paulo A, FEITOSA, Lourdes Conde, SILVA Glaydson José (org). *Amor, desejo e poder na Antigüidade*: relações de gênero e representações do feminino. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- FUNARI, Pedro Paulo A. (Org). *Cultura Material e Arqueologia Histórica*. Campinas, SP: Unicamp, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Antiguidade Clássica*. A história e a cultura a partir dos documentos. Campinas: Ed. Unicamp, 2003b.
- FUNARI, Pedro Paulo A. *Grécia e Roma*, Editora Contexto, São Paulo, 2009
- JUNQUEIRA, Nathalia Monseff. *Imagens da Mulher Grega: Heródoto e as Pinturas em Contraste*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.
- PICAZO, Marina, *La Ceramica Atica de Ullastret*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1977.
- POLLINI, Airton. *Frontier History e as Interpretações da Colonização Grega Antiga*. *Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, vol. 26, n.1, pp. 17-49, 2013. Disponível em: < <http://revista.classica.org.br/index.php/classica/article/view/59/59>> Acesso em: 03/02/2014.
- SHAFF, Adam. A objetividade da verdade histórica: os fatos históricos e sua seleção. In: *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 203 – 238.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro: Editora Difel, 2002.

